



DEFENDER O IRÃ E O DIREITO DAS MASSAS IRANIANAS A DECIDIREM SOBRE SEUS DESTINOS SEM INTERFERÊNCIA EXTERNA

Apesar de noticiado um encontro entre altos representantes do governo iraniano e norte-americano para avaliar a possibilidade de uma trégua que afaste o perigo de uma confrontação regional imediata, as negociações constituem uma manobra de distração dos EUA para assegurar uma concentração decisiva de recursos bélicos para assestar um novo golpe militar contra o Irã. Esse objetivo não mudou apesar de falhar o prognóstico imperialista da continuidade dos protestos no Irã que os EUA usariam hipocritamente para sua ação militar, posando de defensor das massas mobilizadas. Era parte ainda dos cálculos um apoio incondicional dos países árabes no cerco e ataque à nação oprimida. Os governos e burguesias árabes rejeitaram deixar livre ação aos EUA a seus territórios para atacarem Irã, não por defender a nação iraniana, mas porque sabem isso revoltaria às massas árabes por toda a região.

Como seus cálculos falharam, os EUA “convocaram” uma rodada de negociações com o Irã na Turquia. Nelas, pretendem impor concessões inaceitáveis para o Irã (reduzir o apoio às milícias que fazem parte da resistência contra a opressão sionista e imperialista total, reduzir seu arsenal de mísseis, aceitar um pacto nuclear que deixará o país sem qualquer estrutura civil capaz de romper o monopólio

da criação e transporte de energia pelos monopólios imperialistas etc.). Caso o regime iraniano não se curve, os EUA provavelmente decidirão pela intervenção militar. Mas, a guerra regional que poderá ser produto desta decisão poderia criar condições de uma insurreição geral das massas árabes.

É necessário deixar claro que a ação militar que se prepara contra o Irã nada tem a ver com defender a democracia ou com os EUA se importar com os objetivos legítimos dos protestos econômicos que surgiram como consequência da brutal crise econômica que atravessa a nação oprimida. Está claro que os protestos de 15 de dezembro de 2025 tiveram por base material objetiva a destruição das condições de vida das massas, produto da desvalorização do Rial (moeda nacional do Irã) que alavancou a espiral inflacionário dos produtos e bens de consumo, bem como destruiu o poder aquisitivo dos salários. Mas, se deve ser firme em denunciar e em demonstrar que essa advém do brutal e genocida bloqueio econômico que os EUA e aliados impuseram ao regime nacionalista-burguês há mais de quatro décadas.

É dentro do quadro das medidas de guerra econômica do imperialismo que implode a luta das massas pelas suas reivindicações. Só um cego político ou um subserviente do imperialismo não faria do bloqueio a causa principal e de-

cisiva da penosa situação econômica das massas iranianas. Mas, os protestos não continuaram os mesmos. Mudou radicalmente seu conteúdo após a intervenção de milícias, organizações monarquistas e separatistas que intervieram descolados das reais motivações das massas, e de fora para dentro do movimento agiram deliberadamente para justificar a intervenção imperialista. Está aí a explicação de porque nunca se ergueu em meio aos protestos econômicos a bandeira de “abaixo o regime”, embora sim exigiam a imediata solução de seus problemas econômicos. A “derrubada do regime” surge após esses grupos reacionários e contrarrevolucionários agirem para desestabilizar a situação política interna e, desse modo, preparar a intervenção do imperialismo em nome da defesa dos “direitos humanos”. Só um cúmplice da retórica imperialista e da grande mídia burguesa imperialista (voluntário ou involuntário, pouco importa agora) poderia ainda afirmar que grande parte das mortes de mais de 3 mil iranianos (a maioria civis) nada tem a ver com as consequências da ação armada de milícias e agrupamentos (ao serviço do imperialismo) que atacaram deliberadamente civis, destruíram mesquitas e hospitais, enfim, instituições e serviços públicos que nunca foram alvo dos protestos econômicos; ou cinicamente chamar essas ações de desestabilização orquestrada

pelos EUA de uma revolta “operária e popular”. Alguns setores das massas se fundiram nessas ações e serviram de instrumento aos objetivos imperialistas - sem desejá-lo. Isso se deve à ausência da direção revolucionária, fundamentalmente, o que permitiu aos EUA arrastar um setor das massas a defender ações contrárias aos seus interesses e aos da nação.

Os marxistas não apenas defendem como devem estar ao lado das massas que se revoltam contra a destruição de suas condições de vida. Devem ainda estar ao lado das massas que aos milhões saíram a defender seu governo contra sua derrubada pelo imperialismo-sionismo. E isso não significa se submeter política e organizativamente ao governo nacionalista-burguês de formas teocráticas. Não! Embora sim, se trata de aplicar a tática leninista de combater ao lado das massas e, nesse sentido, do governo que elas defendem e que está sob ataque direto do imperialismo, pela derrota total do imperialismo.

Causa revolta todos aqueles pretensos marxistas e socialistas que aceitam as explicações imperialistas, chamam a derrubar um governo nacionalista sob ataque do imperialismo e que se arrastam por trás de sua estratégia das “revoluções coloridas” como as ensaiadas na Georgia e, sobretudo, na Ucrânia em 2014, ou também na Líbia e da Síria, e que foram orquestradas pelo imperialismo para derrubar governos que entravam seu expansionismo e seu controle sobre riquezas e territórios, sem se importar com a forma ou com o regime político existente no país. Quando a derrubada de um governo somente pode ser resultado na atual situação da ação contrarrevolucionária do imperialismo, servir a esse objetivo é um crime político contra as massas e a nação oprimida iranianas. Todavia, isso não significa dar às costas às necessidades das massas ou se negar a organizá-las de forma

independente por trás de um programa comum de reivindicações para arrancar do governo teocrático-burguês suas reivindicações. Mas, obriga sim à vanguarda com consciência de classe a alertá-las para que não sejam utilizadas de base de manobra aos objetivos e interesses do imperialismo.

Lembremos que Lênin ensinou aos marxistas que sob determinadas condições histórico-concretas **é necessário taticamente combater ao lado de um governo burguês**. Quando da ofensiva do general czarista Kornilov, em agosto de 1917, chamou a combater junto do governo Kerenski sem o apoiar politicamente. Eis: *“Nós combatemos, nós combatemos contra Kornilov, tal como as tropas de Kerenski, mas nós não apoiamos Kerenski, antes desmascaramos a sua fraqueza”*. Tratava-se de mudar a **forma** da luta contra Kerenski, sem por isso *“renunciar à tarefa do derrubamento de Kerenski”*. O objetivo passava a ser o de defender as “reivindicações parciais lhe *“exigindo uma guerra ativa ... verdadeiramente revolucionária, contra Kornilov”*. Uma vez que *“Só o desenvolvimento desta guerra pode conduzir-nos ao poder”*. Lênin conclui assinalando: *“O momento agora é de ação, a guerra contra Kornilov deve ser feita revolucionariamente, arrastando as massas”*. Assim, diz Lênin, aproximámo-nos da tomada do poder, **“não de forma direta, mas lateral”** (“Ao Comitê Central do POSDR”).

Nenhuma das correntes que se reivindicam do leninismo-trotskyismo hoje (com exceção do PPRI, até onde sabemos) defende que essa tática seja aplicada no Irã. Entretanto, a defesa incondicional do direito das massas nacionais decidirem sobre todos assuntos internos que dizem respeito a sua nação - inclusive decidir sobre as formas econômicas, políticas, culturais ou religiosas para seu país - decorrem dessa tática elaborada por Lênin. A defesa incondicional da nação oprimida não separa as massas de sua organização social, econômica

e política que, no caso iraniano, são o produto da ruptura com o imperialismo acontecida na revolução nacional de profundo conteúdo anti-imperialista de 1978/1979.

Quando o imperialismo quer destruir a soberania nacional de uma semicolônia ou país oprimido, os revolucionários não duvidam em estar incondicionalmente pela sua defesa e, conjunturalmente, combater junto do governo que escolheram as massas oprimidas pela derrota do imperialismo. E isso exige não ceder nem um milímetro perante os espelismos democratizantes e a hipocrisia dos direitos humanos do imperialismo. Apesar dos marxistas se colocar junto do governo nacionalista-burguês de uma nação oprimida conjunturalmente quando está sob ataque imperialista, nunca abandonam a orientação estratégica de desenvolver o programa da revolução e ditadura proletárias; ou seja, da derrubada do governo burguês pela constituição de uma república soviética e de um estado operário. Apenas seguem essa orientação estratégica por uma via e com métodos diferentes na conjuntura, impondo-lhe com a força coletiva das massas a liberdade de organização a todos os partidos, correntes e agrupamentos internos que se coloquem pela defesa da nação oprimida - ainda que combatam politicamente ao governo burguês de formas teocráticas sob a estratégia proletária.

É combatendo junto das massas contra seu principal inimigo que os marxistas se ganham o direito não apenas a se constituir em sua vanguarda revolucionária, como a dirigir erguendo para isso a tática da Frente Única Anti-imperialista baseada no armamento geral das massas e sob controle de seus organismos próprios. Esses princípios, métodos e tática leninistas são o único guia certo e correto para os marxistas na atual situação política, sobretudo, após o ataque de 3 de janeiro contra a Venezuela. ●